

Como preparar os alunos para uma escola cultural e linguisticamente diversa?

Uma parceria entre o Projeto Europeu ISOTIS e o Agrupamento de Escolas de Paredes

Autores: Sofia Guichard¹, Gil Nata¹, Claudina Martins², Fátima Ferreira², Mabilia Guedes², Manuela Sousa², Manuela Duarte², Norberto Valério², Joana Cadima¹

Afiliação:

1. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto
2. Agrupamento de Escolas de Paredes

Elemento de contacto: Sofia Guichard, anaguichard@fpce.up.pt

Resumo: A diversidade cultural e linguística, fruto dos atuais e intensos fluxos migratórios, representa um desafio ao qual todos, enquanto sociedade, devemos dar resposta. Este artigo descreve a parceria entre o Agrupamento de Escolas de Paredes e a equipa da Universidade do Porto do Projeto Europeu ISOTIS com o objetivo de promover a inclusão e valorizar a diversidade cultural e linguística em contexto escolar. Neste sentido, com base na metodologia de projeto, quatro turmas do 4.º ano da Escola Básica n.º 2 de Paredes envolveram-se num projeto de turma acerca da diversidade de culturas e de línguas na escola, com ligações ao currículo e com recurso a uma plataforma virtual de aprendizagem. Este artigo descreve todo o processo de colaboração entre os investigadores e as professoras, a conceção e implementação do projeto nas turmas. Por fim, apresenta as cinco principais lições retiradas pelas equipas.

Palavras-chave: interculturalidade, multilinguismo, cidadania, inclusão

Como devemos podemos receber na nossa escola alunos de diferentes culturas e países e que falam diferentes línguas? Este foi o estímulo para a realização de um projeto nas turmas de quarto ano da Escola n.º 2 de Paredes, do Agrupamento de Escolas de Paredes (distrito do Porto). A ideia surgiu da colaboração das professoras titulares de turma com a equipa de investigadores da Universidade do Porto do projeto Europeu ISOTIS.

O ISOTIS (“Inclusive Education and Social Support to Tackle Inequalities in Society”) é um projeto de investigação colaborativo financiado pela União Europeia, realizado em 11 países. O objetivo do ISOTIS é contribuir para a criação de uma educação inclusiva e eficaz, tirando partido das forças e recursos que famílias distintas têm em termos culturais, linguísticos e socioeconómicos. Uma das tarefas do projeto consistia na criação de uma plataforma virtual, que incluísse informação sistematizada, recursos e

materiais no âmbito da educação para a justiça social e para a diversidade cultural e linguística. É neste contexto que a equipa da Universidade do Porto contacta o Agrupamento de Escolas de Paredes e, em particular, a Escola n. º2 de Paredes, que se prontificou a aceitar o desafio de codesenvolver um projeto que visasse a valorização da diversidade cultural e linguística na escola. O desafio colocado às professoras de 4º ano desta escola era o de colaborarem no enriquecimento desta plataforma, com exemplos de recursos, planeamento e implementação de experiências em sala de aula e conceção produtos de aprendizagem realizados com os alunos, alinhados com as atuais prioridades curriculares nacionais e Europeias.

O atual mundo globalizado apresenta desafios e oportunidades complexas: fluxos migratórios intensos, desigualdades sociais crescentes, ameaças à democracia e aos direitos humanos fundamentais. São estes alguns dos desafios aos quais os alunos terão de dar resposta para a promoção de um mundo mais justo e sustentável. A premência de preparar os alunos para os desafios da globalização levaram a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico) a operacionalizar o conceito de competência global, que consiste na capacidade de (i) analisar criticamente problemas globais, (ii) respeitar diferentes visões do mundo, (iii) estabelecer interações com pessoas de culturas diferentes de forma apropriada, e (iv) agir em prol do desenvolvimento sustentável e bem-estar coletivo (Asia Society/OECD, 2018).

As recentes mudanças na legislação em Educação em Portugal convergem precisamente neste sentido. O Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória (Despacho n.º 6478/2017) vem primeiramente alertar para a necessidade das escolas promoverem um conjunto de valores e de competências, ao longo da escolaridade. Estamos a falar de valores como a cidadania e a participação, a liberdade e a responsabilidade e de áreas de competências que incluem o pensamento crítico e criativo, o raciocínio e a resolução de problemas. Alinhado com esta nova ênfase nas competências do século XXI, surge o Decreto-lei n.º 55/2018, que decreta que os professores do 1º Ciclo do Ensino Básico incluam a Cidadania e Desenvolvimento como uma componente transdisciplinar do currículo, a ser integrada com as outras disciplinas (como o Português, a Matemática e o Estudo do Meio). Adicionalmente, este Decreto-lei vem implementar mudanças consideráveis na gestão escolar, permitindo às escolas gerir autonomamente até 25% do currículo. Por fim, o Decreto-lei n.º 54/2018, relativo à educação inclusiva, vem realçar a importância de responder à diversidade de necessidades e ao potencial de

cada aluno (e não só os alunos com uma incapacidade ou diagnóstico), considerando também os alunos de diversos meios socioeconómicos, culturais e linguísticos.

Estas mudanças recentes na Educação em Portugal introduziram a oportunidade, ou a exigência, de introduzir conteúdos relacionados com a diversidade cultural e linguística nas experiências de aprendizagem dos alunos. Contudo, são também um desafio para os professores e as escolas. Tal como evidenciado em estudos prévios do Projeto ISOTIS (Aguiar, Silva, Guerra, Rodrigues, Ribeiro, & Pastori, 2017), os recursos são escassos, sendo necessário mobilizar vários agentes para a implementação de inovações curriculares e pedagógicas. A plataforma criada pelo ISOTIS pretendia assim sistematizar um conjunto de recursos para professores e alunos, enriquecido com exemplos concretos de experiências na sala de aula, a partir de uma relação de parceria entre a Universidade e a Escola.

Deste modo, a colaboração entre a equipa de professoras e a equipa de investigação operacionalizou-se de duas formas: por um lado, na partilha, em reuniões breves, de recursos (como livros infantis, projetos, websites) e ideias concretas e de propostas de atividades, com ligações ao currículo de 4º ano; por outro lado, a equipa de investigação ofereceu apoio direto e instrumental na implementação em sala de aula e nos registos do processo, consoante as necessidades das professoras. Pelo carácter internacional do projeto, as professoras tiveram ainda a oportunidade de partilhar experiências com colegas dos Países Baixos e de Itália e nomeadamente de dar e receber feedback acerca da implementação do projeto com os alunos, através da plataforma virtual.

Com base na metodologia de projeto e nas orientações para a promoção da competência global da OCDE (Asia Society/OECD, 2018), o planeamento e a implementação do projeto nas salas de aula estruturou-se em três etapas: (1) uma situação-estímulo, em que as crianças foram encorajadas a aprender mais acerca de um tópico relacionado com a diversidade cultural ou linguística; (2) uma fase exploração, em que as crianças procuraram saber mais acerca desse tópico, com a orientação das professoras; e (3) a partilha do processo e dos resultados à comunidade escolar. Cada experiência de aprendizagem foi co-desenhada, discutida e planeada com as professoras em colaboração com a equipa do ISOTIS. A resposta das crianças e das professoras a cada experiência (os seus interesses, motivações e sugestões) era recolhida e utilizada como base para o planeamento da próxima etapa, num processo iterativo de co-construção e implementação. Não obstante, pretendia-se manter sempre um foco estratégico em

relação aos objetivos do projeto, aos objetivos do currículo, e à estrutura geral em três passos, como esquematizado no Quadro 1.

Quadro 1. O projeto em três passos: objetivos

Projeto em três passos:	Objetivos:
<p>1) Situação-estímulo</p> <p><i>Uma criança migrante chega à escola: Como é que podemos fazer para que se sinta bem?</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Promover a consciência cultural das crianças, o seu conhecimento pessoal e dos outros; • Discutir emoções em situações de ser novo num contexto ou sentir-se sozinho; • Explorar os interesses e conhecimentos das crianças acerca do tópico da diversidade cultural e linguística; • Promover a expressão de ideias, valores e perspetivas diferentes.
<p>2) As crianças vão saber mais</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>A nossa escola e as diferentes línguas</i> • <i>Os diferentes tons de pele</i> • <i>A nossa escola e o mundo</i> • <i>Os refugiados são bem-vindos na nossa escola!</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Valorizar as características únicas das crianças e das famílias, tornando todos visíveis na escola; • Valorizar as singularidades de cada indivíduo e cultura na sala de aula e na escola; • Valorizar os recursos das famílias e das crianças; • Capacitar as crianças como investigadores e informantes; • Promover discussões acerca da inclusão, direitos humanos, dignidade e equidade; • Explorar os conceitos de inclusão e interculturalidade na escola.
<p>3) Partilha do processo e resultados</p> <p><i>A produção de um vídeo</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Partilhar recursos e estratégias em como incluir todos na escola; • Construir um sentido de pertença a uma comunidade multicultural; • Documentar as experiências de aprendizagem e comunicar considerações acerca do projeto.

1. A situação-estímulo

A situação-estímulo foi desenhada para confrontar as crianças com um desafio para resolverem que envolvia uma criança migrante recém-chegada à escola. Desta forma, pretendia-se que a situação fosse desafiadora, mas familiar, relacionada com as experiências das crianças. Refletir acerca destes encontros multiculturais na escola permitiria às crianças partilhar emoções e experiências, ao mesmo tempo que desenvolviam a empatia e a tomada de perspetiva do outro. Primeiramente, era narrada a

cada turma uma breve história, a história da Marinela, uma criança Angolana recém-chegada a Portugal, em adaptação a uma nova realidade nacional, cultural e escolar. Para concretizar a história, fotografias da criança, da sua escola e um mapa com o seu país origem circularam pelas crianças.

Seguia-se um momento de partilha de experiências e de ideias pelas crianças, no qual as crianças eram convidadas a partilhar, primeiro, como é que aquela criança se sentia e, depois, se já tinham tido experiências semelhantes. Depois, era proposto às crianças que discutissem sobre o que poderia ser feito para a Marinela se sentir acolhida e feliz na escola. Finalmente, as crianças refletiam sobre o que gostavam de aprender ou saber mais, com base naquela história. Todas as partilhas eram registadas numa cartolina de grupo (Figura 1). De seguida, esta experiência era replicada em pequeno grupo (Figura 2). As crianças responderam à situação-estímulo com curiosidade, motivação e entusiasmo.

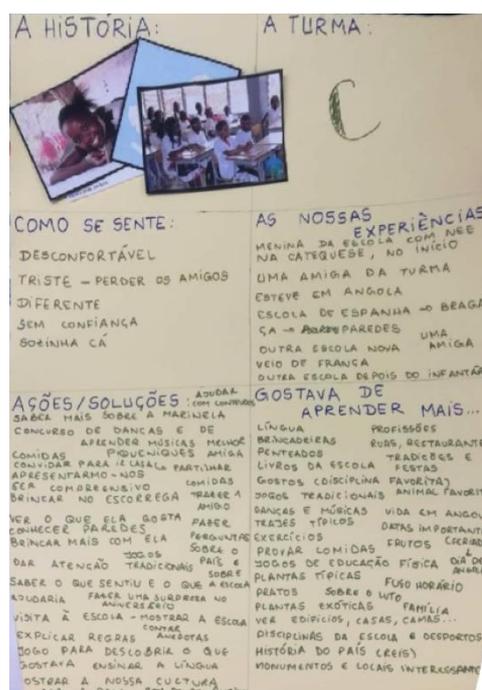


Figura 1. A história da Marinela “A Marinela mudou-se agora de Angola e é nova na escola. Vivia em Luanda com os pais, a irmã e os avós. Os pais da Marinela encontraram um trabalho e vieram viver para Portugal. A Marinela está com saudades da sua antiga escola. Não conhece ninguém aqui e ainda não tem amigos para brincar. Sente-se diferente e sente que esta escola é muito diferente da escola onde andava.” Estas foram as respostas das crianças da turma C.

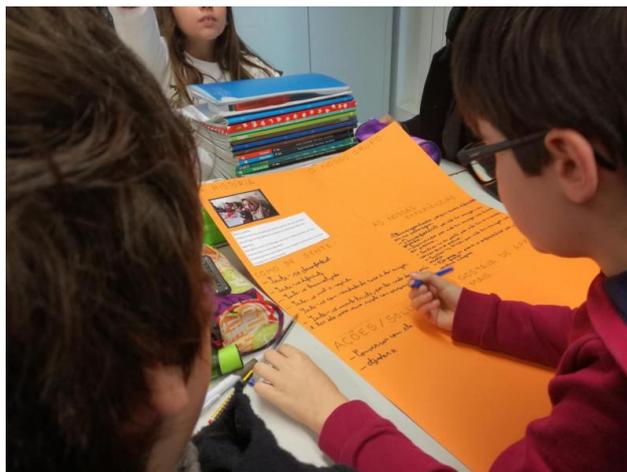


Figura 2. Trabalho em pequeno grupo. A cada grupo de quatro a cinco crianças, eram entregues novas histórias, diferentes, com este desafio comum e com a mesma estrutura da atividade de turma. As crianças registavam as suas ideias numa cartolina e partilhavam no final com a turma.

Para definir os próximos passos, o conteúdo das sugestões das crianças (i.e., “como podes fazer a criança sentir-se bem recebida e acolhida na escola?”) e dos seus interesses (i.e., “o que gostaríamos de aprender mais”) foram extraídos das cartolinas realizadas e a sua análise foi posteriormente apresentada às professoras numa reunião. Com base nos interesses e nas ideias das crianças e considerando os objetivos da fase seguinte, a pesquisa das crianças poderia seguir diferentes direções. Para delinear os próximos passos, diferentes opções e recursos foram apresentados às professoras e podem ser consultados [aqui](#). Cada turma iria seguir diferentes caminhos, sob o objetivo comum de contribuir para a valorização da escola enquanto comunidade multicultural e de promover a competência intercultural das crianças ao prepará-las para a receção de crianças de diferentes contextos culturais e linguísticos. As experiências de cada turma serão, então, descritas separadamente. Para assegurar a coerência entre as diferentes ações, foram organizadas reuniões que incluíam todas as professoras e a equipa de investigação.

2. As crianças vão saber mais

2.1. Turma A – A nossa escola e as diferentes línguas!

Como as crianças da turma A estavam interessadas em construir sinais em diferentes línguas para a escola, a professora propôs primeiro que as crianças desenhassem mapas da escola, selecionassem diferentes espaços da escola e os

traduzissem em diferentes línguas. De um modo geral, pretendia-se que as crianças começassem por reconhecer os diferentes espaços da escola e tivessem um primeiro contacto com diferentes línguas, consoante as suas preferências ou curiosidades. Numa segunda fase, para construir os sinais em diferentes línguas, os alunos construíram um questionário para identificar as línguas e as nacionalidades que existiam na escola. Em pequenos grupos, os alunos foram questionando os colegas, turma a turma, sobre as suas nacionalidades e línguas faladas na escola. Com base nas repostas, as crianças utilizaram a plataforma virtual para construir gráficos (Figura 3). Por fim, desenvolveram e construíram sinais nas línguas faladas pelos alunos da escola (Figura 4).

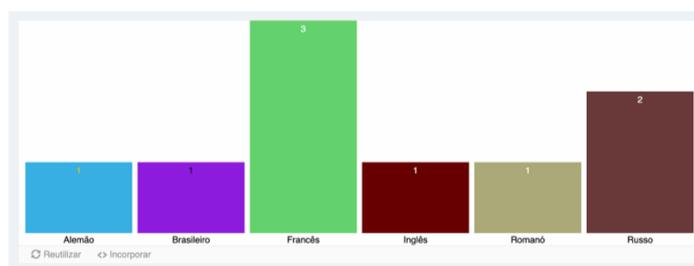


Figura 3. Exemplo de um gráfico realizado pelos alunos: as línguas faladas na escola. Os gráficos permitiram às crianças terem uma visão sistemática das nacionalidades e línguas da escola, criando consciência da escola enquanto comunidade multicultural e multilíngue. Por outro lado, permitiram explorar conteúdos de Matemática, relacionados com a organização e tratamento de dados.



Figura 4. Sinais nas diferentes línguas da escola. Ao construírem estes sinais, crianças tomaram um papel ativo na promoção da inclusão na escola, valorizando a diversidade cultural e linguística.

2.2. Turma B – Diferentes línguas e tons de pele: todos são diferentes, todos são bem-vindos!

As crianças da turma B estavam também muito interessadas no multilinguismo. Desta forma, a professora começou por explorar com as crianças a área vocabular de escola, trabalhando os conteúdos da área disciplinar de Português. Depois, em casa, as crianças traduziram as palavras em três línguas à sua escolha. Assim, tiveram a oportunidade de explorar e entrar em contacto com diferentes línguas, utilizando o computador para pesquisar, com a ajuda dos pais ou de outros familiares. Com base nesta exploração inicial, um grupo de crianças decidiu criar um pequeno livro em diferentes línguas (neste caso, romeno, espanhol e alemão), com traduções de palavras úteis na vida escolar (e.g., materiais escolares, espaços da escola) e nas interações sociais (e.g., “olá”, “desculpa”, “até amanhã”). Os alunos pensaram que este poderia ser um instrumento útil não só para a criança poder aprender palavras em português, como para os seus pares poderem aprender palavras na sua língua de origem. O livro pode ser consultado [aqui](#).

Num âmbito diferente, a turma mostrou interesse no [projeto *Humanae*](#), projeto criado pela artista brasileira Angelica Dass, que convida as pessoas a refletir sobre o conceito de raça analisando os diferentes tons de pele que existem. Através do seu projeto, a artista pretende alertar que não existem dois tons de pele similares e cada pessoa tem um tom de pele único. Deste modo, foram disponibilizados, na plataforma virtual do ISOTIS, recursos eletrónicos (e.g., websites e notícias online) para as crianças, em pequenos grupos, poderem pesquisar livremente sobre o projeto e a artista e refletirem sobre as suas mensagens e significados. Por fim, as crianças assistiram a um vídeo pela artista e escreveram comentários na plataforma com as suas reflexões (Figura 5). O principal propósito desta sessão seria explorar a diversidade de tons de pele e provocar reflexões sobre o conceito de raça e racismo nas crianças. As competências no domínio das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) foram promovidas e complementadas com a exploração de conteúdos relacionados com a interculturalidade na área disciplinar de Desenvolvimento e Cidadania.



Figura 5. As crianças escrevem comentários na plataforma virtual ISOTIS. Os comentários enfatizaram os diferentes tons de pele que existem (e.g., “Há muitos tons de pele como por exemplo: Café com leite, que é um tom de pele clara meia acastanhada, o café já é um tom de pele mais escuro”) e valores de respeito e cooperação (e.g., “temos de nos respeitar uns aos outros”, “temos de ser todos amigos”).

Uma semana depois, as crianças da turma A juntaram-se às crianças da turma B para fazerem uma experiência artística (Figura 6). Esta experiência tinha o objetivo de desenvolver atitudes antirracistas e anti-discriminatórias, ao permitir-lhes explorar ativamente os seus tons de pele e que apreciar a sua diversidade, de uma forma envolvente e estimulante, questionando o conceito de raça.



Figura 6. A atividade artística. As crianças desenharam o seu autorretrato com a ajuda de uma fotografia sua ou de um espelho. Foram, depois, convidadas a misturar cores para encontrar a cor do seu tom de pele único e pintar o retrato dessa cor.

No final, com o apoio da Associação de Pais do Agrupamento, as pinturas foram expostas na entrada da escola para receber os novos alunos, num mural com uma mensagem em diferentes línguas: “As diferentes cores formam o arco-íris” (Figura 7).



Figura 7. O mural da escola. A escola afirma-se como uma comunidade multicultural, na qual todos são visíveis e todos os tons de pele são celebrados.

2.3. Turma C – A nossa escola e o mundo!

As crianças da turma C estavam interessadas em aprender como são as diferentes escolas à volta do mundo. Primeiro, começaram por explorar e aprender mais sobre a própria escola. Cada aluno fez um desenho e uma descrição de um espaço da escola à sua escolha (e.g., recreio, refeitório, sala de aula). Os alunos votaram, então, nos seus desenhos e descrições favoritas e fizeram em conjunto uma [apresentação](#) sobre a sua escola e escolas à volta do mundo. Esta experiência foi planeada para habilitar as crianças como investigadoras e informantes, estabelecendo relações concretas entre o seu ambiente imediato e uma perspetiva mais global, que os fizesse discutir e refletir acerca das diferenças e semelhanças entre escolas e o direito universal de cada criança a uma educação de qualidade.

Numa segunda fase, através da plataforma virtual de aprendizagem do ISOTIS, divididas em pequenos grupos, as crianças pesquisaram onde se situavam as escolas no mapa. Esta atividade permitiu promover a consciência das crianças enquanto cidadãos globais, parte de uma comunidade global de escolas. Por fim, as crianças foram convidadas a sistematizar e escrever um comentário sobre o que tinham aprendido com aquela pesquisa (Figura 8).



Figura 8. Os alunos a trabalhar na plataforma em pequeno grupo. Os comentários das crianças acerca da atividade focaram-se nas competências e conhecimentos adquiridos no âmbito de diferentes áreas curriculares, tal como o Estudo do meio (e.g., “Nós aprendemos a localizar países novos”), a Cidadania e Desenvolvimento (e.g., “Conhecemos outras escolas diferente da nossa, outros países, outras culturas, vimos as condições das outras escolas”) e competências transversais como o trabalho cooperativo (“aprendemos a trabalhar melhor em grupo”).

Por fim, a turma quis concretizar estas experiências num produto final, uma caixa intercultural (Figura 9).



Figura 9. A caixa intercultural. Nessa caixa, os alunos incluíram diferentes trabalhos: (1) um livro com uma composição que todos fizeram acerca de mudar de país, na qual se colocavam na posição de uma criança a mudar de país, (2) um livro com as regras da escola, que um pequeno grupo de crianças escreveu, (3) e um dominó das culturas.

2.4. Turma D – Os refugiados são bem-vindos na nossa escola

A turma D escolheu um livro para ler e explorar. “O caminho de Marwan” — escrito por Patricia de Arias, ilustrado por Laura Borrás e traduzido por Roseana Murray — narra a viagem de uma criança refugiada à procura de um país de acolhimento. Depois de o livro ter sido lido com as crianças, no sentido de promover o seu conhecimento acerca do tópico e esclarecer alguns preconceitos, foi discutido o conceito de refugiado e a diferença entre ser refugiado e migrante. As crianças conheciam muitos migrantes, mas nenhum refugiado. Desta forma, por ser uma realidade distante, as crianças foram convidadas a refletir e partilhar sobre aquilo que levariam na sua mochila se tivessem de fugir do seu país, uma vez que, no livro, era descrito o que levava Marwan na sua mochila. Desta forma, puderam desenvolver a empatia e tomada de perspetiva do outro. De seguida, debateu-se se os países deveriam ser moralmente obrigados a aceitar refugiados. Durante a discussão, foram enfatizados os direitos humanos fundamentais e valores de equidade e dignidade humanas. Por fim, em pequenos grupos, as crianças escreveram cartas para o Marwan ou para outras crianças refugiadas (Figura 10).

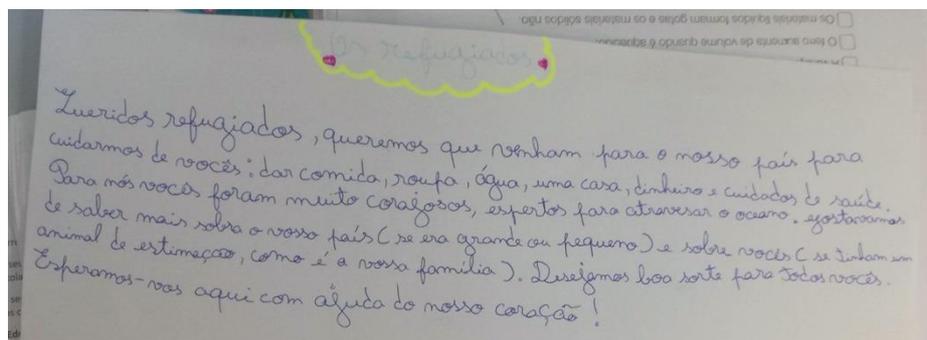


Figura 10. Carta escrita por um grupo de crianças a outras crianças refugiadas

Numa segunda fase, as crianças entraram em contacto direto com a plataforma ISOTIS. Foram disponibilizados dois vídeos, que as crianças viram atentamente: [um vídeo](#) de uma criança refugiada a contar a sua história e a mostrar o campo de refugiados onde vivia, e [um vídeo](#) sobre a diferença entre ser migrante e refugiado, apresentando uma criança migrante e uma criança refugiada. Através destes exemplos concretos, narrados pela voz de crianças de idade similar, com linguagem simples, foi explorado um tema complexo. Por fim, em pequenos grupos, as crianças escreveram comentários ao primeiro vídeo, o vídeo do Hamze, um rapaz proveniente do Iraque, a viver num campo de refugiados na Grécia (Figura 11).



Figura 11. As crianças a escreverem comentários na plataforma. Os comentários incluíam questões para o Hamze (“como é a tua vida?”, “quantos anos tens?”), demonstrações de empatia pela sua história (“deve ser difícil não ter a mãe e a irmã aí”) e desejos para o seu futuro (“esperamos que consigas chegar à Alemanha”, “boa sorte, espero que consigas realizar os teus sonhos”).

3. Partilha do processo e resultados

Para além dos produtos desenvolvidos por cada turma, descritos acima (os sinais nas diferentes línguas, o pequeno livro das línguas e traduções, o mural de pinturas, a caixa intercultural, as cartas para as crianças refugiadas), todas as professoras e crianças estiveram envolvidas na conceção e produção de um vídeo, que ilustrou o processo de implementação deste projeto. O vídeo funcionou tanto como uma forma de comunicar e de afirmar os valores da escola de respeito e reconhecimento das diversas culturas, como também de documentar e partilhar o processo e as diversas experiências de aprendizagem, pela voz das crianças. As crianças foram filmadas a descrever atividades, a transmitir mensagens de boas-vindas, e a apresentar os produtos que prepararam para receber crianças de diferentes países, línguas e culturas. Este vídeo foi partilhado na plataforma e nos canais de comunicação do Agrupamento (canal do YouTube e página do Facebook) e pode ser visto [aqui](#). No final, o vídeo foi visualizado pelos Encarregados de educação, crianças e professores do agrupamento.

4. Que lições aprendemos?

Considerando o desenvolvimento deste projeto nas turmas de quarto ano, fruto de uma colaboração entre as professoras titulares das turmas e a equipa de investigação

ISOTIS na construção e enriquecimento de uma plataforma virtual de aprendizagem, podemos destacar 5 lições, baseadas nas nossas reflexões conjuntas:

Lição 1. Desenvolver uma relação próxima e verdadeiramente colaborativa entre a equipa de investigação e a equipa de docentes leva tempo, mas é fundamental.

Conhecer as especificidades deste contexto escolar e das turmas envolvidas (em termos pedagógicos, curriculares e de projeto) foi fundamental para estabelecer uma parceria verdadeiramente colaborativa. Embora tenha requerido tempo (quatro meses), esta fase parece crítica para o desenvolvimento de um projeto com significado para todos: professores, escola, investigadores e alunos. Torna-se importante mencionar que esta foi a primeira vez em que a equipa de investigação colaborava com a escola; por isso, foi fundamental não só estabelecer princípios e objetivos comuns, que servissem de base a todo o processo, como também criar uma relação de confiança e respeito mútuo.

Lição 2. Para provocar inovações no currículo e nas pedagogias, é fundamental apoiar os professores.

As professoras valorizaram o apoio próximo e colaborativo, tanto no planeamento como na implementação das diferentes experiências de aprendizagem. Este apoio foi crucial dada a sobrecarga sentida pelas professoras com as suas tarefas habituais, que pode limitar a sua disponibilidade para se envolverem em projetos que consideram interessantes, mas que são exigentes do ponto de vista do investimento necessário em termos de planeamento e execução. Durante este processo, foi relevante partilhar ideias e recursos com as professoras, mas também fornecer apoio direto na implementação das atividades. O apoio e presença da equipa, em colaboração ativa com as professoras, pareceu fundamental para o sucesso do projeto. Embora estas intervenções de design colaborativo – com o suporte contínuo, ativo e altamente responsivo de uma equipa – possam ser dispendiosas, parecem ser um primeiro passo essencial para introduzir inovações nas práticas pedagógicas e curriculares.

Lição 3. É possível conciliar um foco nos objetivos de aprendizagem curriculares com as motivações, interesses e participação ativa dos alunos.

Os interesses das crianças e a sua participação ativa foram sempre considerados no planeamento e implementação das diferentes etapas. Não obstante, foi possível conciliar os interesses e as motivações das crianças, com um foco estratégico nos conteúdos e

objetivos do currículo de quarto ano, alinhado com o enquadramento teórico da competência global (Asia Society/OECD, 2018). Para cada passo, foram estabelecidos objetivos específicos e intencionais relacionados com o currículo e as aprendizagens. Desta forma, conciliámos necessidades e interesses específicos das crianças, com objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de competências transversais, mostrando como é possível as crianças estarem altamente envolvidas enquanto aprendem tópicos relevantes para o currículo.

Lição 4. Ao discutir e valorizar a diversidade cultural, torna-se importante discutir o racismo, as desigualdades, e os direitos humanos.

Embora se possa pensar que a valorização da diversidade possa ser feita sem tocar em assuntos sensíveis ou controversos, como o racismo, as desigualdades e a violação de direitos humanos fundamentais, a implementação do projeto com as crianças demonstrou que, não só estes assuntos surgem naturalmente, como são verdadeiramente importantes para promover aprendizagens aprofundadas e significativas. Desta forma, as atividades de celebração da diversidade foram sempre complementadas por discussões com um enfoque claro nos valores de equidade e dignidade humana. Para além disso, foi necessário ter em atenção se não estávamos a transmitir e perpetuar estereótipos culturais e selecionar com cuidado as fontes e materiais aos quais se recorreu. Partir de exemplos de pessoas e de crianças concretas (como os vídeos das crianças refugiadas e migrantes na primeira pessoa) foi uma das estratégias utilizadas.

Lição 5. A inclusão na escola é uma tarefa de todos na comunidade escolar.

Todas as crianças devem ser envolvidas na promoção ativa da inclusão no contexto escolar. Assim, as experiências e recursos das crianças migrantes ou das comunidades ciganas podem e devem ser consideradas e valorizadas em sala de aula. Não obstante, torna-se importante não responsabilizar a criança migrante ou cigana por educar a comunidade escolar ou representar toda uma cultura/nacionalidade nas suas partilhas, valorizando a sua individualidade e direito à privacidade. Poderá também fazer sentido convidar as famílias para partilhar recursos linguísticos e culturais (por exemplo, contarem uma história, partilharem uma ocupação sua de tempos livres, ensinar palavras na língua de origem). Recomenda-se que estas ações sejam prolongadas no tempo para serem sustentáveis.

Lição 6. As plataformas virtuais de aprendizagem podem enriquecer as experiências dos alunos e serem recursos importantes para os professores, mas é necessário apoio estrutural e oportunidades de desenvolvimento profissional para serem utilizadas de forma sustentável nas práticas dos professores

Plataformas virtuais de aprendizagem, como a do ISOTIS, podem potenciar a motivação e interesse das crianças no processo de aprendizagem. As atividades online foram implementadas da mesma forma que as atividades *offline*, realizadas em sala de aula, com sucesso ao nível da participação e envolvimento dos alunos. Deste modo, privilegiou-se a participação ativa das crianças, o trabalho em pequenos grupos colaborativos, e um foco em informação fidedigna e desenvolvimentalmente adequada. As partilhas na plataforma sob a forma de comentários escritos foram particularmente apreciadas pelas crianças.

Por outro lado, torna-se importante mencionar que os professores necessitam de condições estruturais (e.g., tempo), apoio e oportunidades de desenvolvimento profissional para utilizarem estas ferramentas digitais nas suas práticas e implementarem experiências digitais com significado para as crianças, integradas com os seus interesses e os objetivos curriculares. Neste caso, o apoio da equipa de investigação foi crucial para a utilização da plataforma com as crianças.

Querem saber mais?

Convidamos-vos a consultar o site do Projeto ISOTIS em www.isotis.org.

Referências bibliográficas:

Asia Society/OECD (2018). *Teaching for Global Competence in a Rapidly Changing World*. New York: Asia Society.

Aguiar, C., Silva, C., Guerra, R., Rodrigues, R., Ribeiro, L., & Pastori, G. (2017) *Inventory and analysis of promising curriculum, pedagogy, and social climate interventions tackling inequalities*. Retrieved from https://staging-isotis-pw.framework.pt/site/assets/files/1201/isotis-d4_2_-inventory-and-analysis-of-promising-curriculum-pedagogy-and-social-climate-interventions-tackling-inequalities.pdf